Milho II

Tendências e perspectivas do mercado nacional

Leonardo Vieira Menezes*

EM CARÁTER preliminar, as projeções iniciais para a safra de milho verão no Brasil, em 2011/12, são:

- estimativa de área plantada em 8.293 mil hectares, registrando aumento de 9,1% em comparação à área semeada em 2010/11;
- produtividade média de 4.381 kg/ha, indicando alta de 0,9% em relação a 2010/11; e
- produção projetada em 36.335 mil toneladas, o que representa incremento de 10,0% em relação a 2010/11.

Para a próxima safra de milho inverno, os números são:

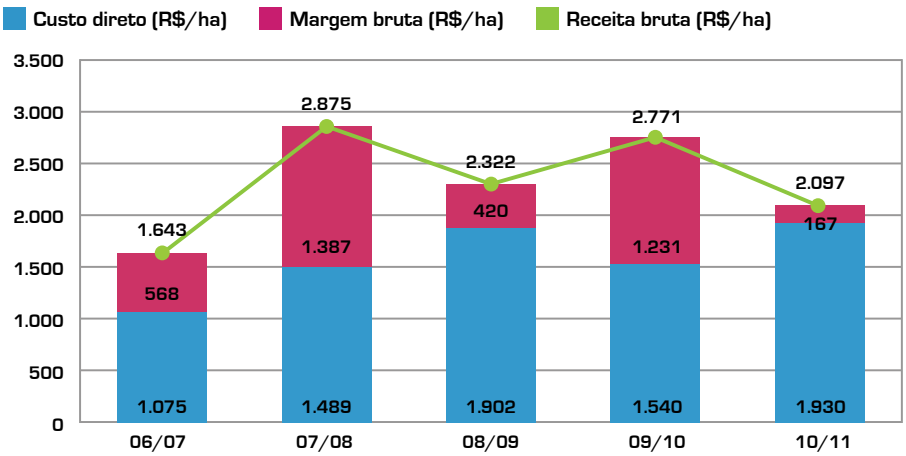
- estimativa de plantio em 5.754 mil hectares, com crescimento esperado de 4,7% em comparação à área de 2010/11;
- produtividade média projetada em 3.982 kg/ha, indicando pequena retração de 5,6% em relação a 2010/11; e
- uma produção para a safra inverno de 22.057 mil toneladas, o que representa um incremento de 6,4% em relação a 2010/11.

Portanto, para a nova temporada, as expectativas para o plantio do cereal no Brasil são de recuperação no volume total de área plantada, pois nos últimos dois anos o produtor optou por semear mais soja que milho, por causa da menor necessidade de investimento e de preços mais favoráveis para a oleaginosa nas vésperas do plantio.

A constatação de margens de venda maiores para o milho na safra 2010/11 deverá renovar o "fôlego" dos produtores para voltarem a investir na cultura do cereal em 2011/12. Na safra passada, a margem bruta representou 47,2% da receita bruta, contra a média de 30,6%, calculada para as últimas cinco safras.

O cultivo do milho segunda safra tem aumentado principalmente em Mato Grosso. Hoje, o Estado é o maior produtor, deixando para trás a hegemonia do Paraná. A venda desse produto no período da entressafra das lavouras de milho verão tem se mostrado bastante atrativa para os produtores, pois a crescente demanda pelo mercado de carnes, somada ao aumento na representatividade das exportações de milho, fornece ao produtor preços mais competitivos, tanto no mercado doméstico quanto no mercado de exportação.

Brasil: Rentabilidade na produção de milho



Fonte: Céleres® *Valores considerando a localidade de Rio Verde-GO; a partir de 2008/09, milho resistente a insetos

Dentre os principais entraves à maior expansão do cultivo do milho no Brasil, destacam-se:

- materiais de plantio adaptados às diversas regiões do País;
- um sistema de transporte integrado, com modais mais eficientes no deslocamento das mercadorias; e
- políticas de governo voltadas para a expansão da participação do Brasil no contexto internacional de oferta de alimentos.

O crescimento no volume da produção de milho já tem grande contribuição das tecnologias de produção empregadas no campo. A maior prova disso foi o crescimento da produção registrado nas últimas safras, mesmo com a redução no volume total de hectares semeados.

A adoção de híbridos de milho transgênico mostrou-se um divisor de águas, com destaque para os excelentes resultados das produtividades obtidas na safra de milho a partir de 2008/09. Em 2011/12, 54,0% da área semeada de milho verão serão com uso de materiais transgênicos, e, na safra inverno, a taxa de adoção ficou em 80,4% da área semeada. Portanto, para esta safra de milho, 64,9% da área total contarão com os benefícios provenientes da biotecnologia.

Ao contrário do ganho de eficiência dos produtores rurais dentro da porteira, o gargalo de logística de distribuição da produção segue absorvendo boa parte da receita líquida calculada, por exemplo, na formação do preço destinado ao mercado de exportação – opção de venda que exige deslocamento do milho, na maioria das vezes, por grandes distâncias até o porto.

Em termos percentuais, segundo o Ministério dos Transportes, hoje a logística nacional pode ser decomposta da seguinte forma: 62% via modal rodoviário, 24%

Brasil: Oferta e demanda de milho				
	08/09	09/10	10/11	11/12
Oferta (mil t)				
Estoque inicial	13.734	14.322	11.547	9.745
Produção total	50.608	52.582	53.727	58.393
Produção 1ª safra	33.368	33.227	33.011	36.335
Produção 2ª safra	17.240	19.355	20.716	22.057
Importação	1.133	463	400	500
Consumo de substitutivos	2.400	2.500	2.400	2.500
Oferta total	67.875	69.867	68.074	71.138
Demanda (mil t)				
Consumo animal	35.230	36.868	38.600	39.900
Consumo industrial	4.350	4.415	4.550	4.650
Consumo humano	1.827	1.854	1.873	1.900
Outros usos	3.001	2.986	2.892	2.750
Perdas	1.012	1.052	1.075	1.168
Sementes	350	325	360	400
Exportação	7.782	10.819	9.000	11.000
Demanda total	**53.553**	**58.320**	**58.349**	**61.768**
Estoque final	**14.322**	**11.547**	**9.724**	**9.370**

Fonte: Céleres®/Secex

ferroviário e 14% hidroviário. Portanto, verifica-se que o maior peso nas estruturas de escoamento da produção brasileira fica por conta das rodovias.

Para o médio e o longo prazo, há a necessidade de definir medidas que acompanhem as projeções de crescimento da produção nacional. Para isso, a atuação de lideranças, pública e privada, no sentido de fomentar a integralização e melhoria dos modais atualmente utilizados, será de suma importância para garantir a competitividade do produtor de milho, tanto o mercado interno quanto o mercado externo.

Preços e direcionamento de mercado

No mercado internacional, as cotações do milho contam com o suporte fundamental de oferta restrita e demanda aquecida. Outro ponto que deverá pesar no comportamento dos preços do milho será a participação de capital especulativo sobre contratos futuros de milho negociados na Bolsa de Chicago.

Considerando o horizonte de um ano, as cotações do cereal deverão continuar a prover aos produtores de alta tecnologia maiores retornos econômicos. Além dos ganhos financeiros, também há os benefícios de plantio do milho como forma de rotação de cultura, assumindo que o posto de carro-chefe da produção de grãos no Brasil ainda fica com a soja.

No contexto de livre mercado, considerando o mercado de milho e o de produção de carnes, observa-se o natural conflito de interesses, com os produtores de grãos em busca de vender ao melhor preço e os consumidores reivindicando preços menores. Tal contexto em alguns momentos irá gerar grave descompasso, com a necessidade de o governo exercer seu papel regulatório.

- Cenário de safra recorde de milho e/ou estoques elevados: produto em abundância para negociar e possível intervenção do governo através de compras de recomposição dos estoques reguladores. Neste caso, o "socorro" tende a ser para os produtores.
- Cenário de quebra de safra e/ou estoques baixos: não há produto disponível para negociar, com possibilidade de intervenção do governo no sentido de "irrigar" o mercado com os estoques reguladores. Neste caso, o "socorro" tende a ser para os consumidores de milho, por exemplo, o mercado de carnes (aves e suínos).

As estimativas, para 2011/12, mostram que a oferta total de milho não tem acompanhado a demanda total – destaque para o crescimento das exportações e do consumo animal. Nesse sentido, é provável que os estoques finais registrem, nesta safra, o menor patamar dos últimos quatro anos: 9,4 milhões t (privado: 93,7% + público: 6,3%).

Uma alternativa bastante cogitada em períodos de escassez de oferta e preços extremamente elevados para o milho é a possibilidade de importação do cereal produzido na Argentina, principalmente para regiões de consumo distantes dos polos de produção. Como exemplo: as granjas na região Nordeste, as quais colocam na "ponta do lápis" o custo de trazer a produção das regiões do Centro-Sul ou da Argentina. O problema desta última alternativa, além do custo, é o tempo de transporte – em média leva um mês para o grão chegar ao destino citado.

Para 2011, as perspectivas são de preços superiores à média observada para as últimas três safras. Todavia, o bom momento para as cotações do milho no mercado brasileiro também passará a absorver um custo maior de produção. Com as expectativas de incremento de área plantada para a próxima campanha, visto o sucesso na rentabilidade registrado na safra 2010/11, haverá maior demanda por insumos agrícolas em 2011/12.

Nessa linha, a lei de oferta e de demanda, bastante empregada nas análises fundamentais de economia, deverá falar mais alto. Prova disso é o aumento médio de 30% nos preços dos fertilizantes (NPK) e a tendência de aumento também para os defensivos utilizados no controle de pragas, doenças e plantas daninhas.

Tal contexto motivou a corrida, ainda no primeiro semestre, por parte dos produtores, para garantir os insumos a preços mais baixos no mercado, visto a sazonal pressão de alta que as cotações dos insumos sofrem em meados do plantio. ■

* Analista de mercados agrícolas. Formado em Processos Gerenciais pela Universidade de Uberaba (Uniube) e MBA em Finanças e Planejamento Empresarial pela Universidade Federal de Uberlândia